

Bion: Vida e Obra

Gisèle de Mattos Brito¹, Belo Horizonte

Resumo: Partindo da biografia de Bion, este artigo destaca um pouco de sua vida e obra. Busca fazer considerações sobre o pensamento de Bion e seus principais conceitos, dispostos em alguns períodos de sua vida. O primeiro período, dos Grupos (1943-1951) e sua contribuição ao trabalho com grupos: “Experiências em Grupo” (1943). Depois o segundo período: Pensamento Psicótico e a Teoria sobre o Pensar (1950-1962). Um terceiro período é destacado, o período: Epistemológico, compreendendo, O Aprender com a Experiência, (1962), os Elementos de Psicanálise (1963) e parte do livro Transformações: do aprendizado ao crescimento (1965). Um quarto período, o Ontológico (1965-1979), compreendendo, Transformações: Do Aprendizado ao Crescimento (1965), Atenção e Interpretação (1970), Memória, Desejo e Compreensão (1967, 1970) e Pensamentos Selvagens (1977). E por fim o quinto período: A mente primordial.

PALAVRAS-CHAVE: Bion, biografia, principais conceitos, parte psicótica, parte não psicótica, preconcepção, teoria do pensar, transformações, ser e tornar-se a realidade, mente primordial.

Com o cantor e compositor Raul Seixas em “**Eu já fui de vários jeitos**”, dou início a este breve sobrevoo pela à Vida e Obra de Bion e lhes desejo um árduo e fascinante percurso que a leitura e prática de suas ideias possam despertar no inter-jogo de angústias e defesas, que exigem de nós transformações contínuas para sermos a pessoa que somos, assim como, mais disponíveis para nossos pacientes em seu processo de buscar ser a pessoa que eles são (melhor colega!).

1 Analista didata da SBPMG e membro da SBPSP.

Gisèle de Mattos Brito

"Eu já fui de vários jeitos
 Jeitos que não eram eu
 Demorei a encontrar meu caminho
 Trilhando caminhos que não eram o meu
 Mas ao longo dos caminhos
 Encontrei muitas flores
 E também muitos espinhos
 Descubri vários amores
 Enfrentei vários temores
 Pelas beiras dos caminhos
 E eles foram se fundindo
 Todos em uma coisa só
 Os caminhos, os amores
 E os temores
 Tudo o que encontrei
 Tentando ser o que não era eu
 Transformou-me no que eu sou
 E formou o caminho
 Que finalmente era o meu..."

Biografia

Grande parte dos dados que aqui utilizo se encontram em “All my Sin Are Remember” (1985); “The Long Week-end” (1982) de Bion e em sua biografia escrita por Bléandonu (1993).

Em sua autobiografia, Bion relata que descende dos Huguenotes os quais originários, séculos atrás, da Cervernnes, França e, devido às perseguições religiosas, foram para a Suíça e desta para a Inglaterra. Bion nasceu em 8 de setembro de 1897, em Muttra, noroeste do continente indiano, na província de Punjab.

Bion: Vida e Obra

A planície é irrigada por cinco rios, os quais desembocam no Indo. Foi anexada à Inglaterra em 1849. Devido à fertilidade da região, era rota dos invasores que se dirigiam para a planície do Ganges.

Seu pai, um engenheiro de importância, ocupava-se dos serviços de irrigação. Além disso, foi Secretário do Parlamento Britânico.

Conta ele que a mãe cuidava dos filhos, além de se dedicar a dirigir os serviços domésticos. Foi criado, também, por duas babás as quais foram significativas em sua vida. Mais tarde, ele se perguntava se elas não foram para ele mais importantes do que a própria mãe. Quando via sua mãe triste lhe perguntava por quê. Ela respondia com outra pergunta: “Por que eu deveria estar triste?”.

Comparativamente ao pai, via a mãe amando-o de uma maneira mais autêntica. Buscava a aprovação do pai, a quem ele temia e com o qual se rivalizava. Via-o como uma personalidade muito forte. O pai era um exímio caçador de felinos; e, essas proezas o levaram a ser conhecido como caçador. Certa vez, lembra-se Bion, tendo o pai abatido um leão, a leoa, sua companheira, ficou rondando o acampamento por várias noites.

Desde cedo, Bion começou a fazer perguntas, e mais perguntas - traços estes que perduraram por toda sua vida. Outra característica a qual aparece em seus livros ou supervisões: palavras escritas em que destaca os prefixos ou sufixos, ressaltando a etimologia das palavras. Certa vez, seu pai lhe trouxe um trenzinho movido a eletricidade. Ali Bion dividiu a palavra eletricidade, eletri-cidade.

Sua imaginação o levava a ter pontos de vista inesperados, para o espanto de seus pais. Wilfred era muito reprovado por contar mentiras – fruto se sua fértil imaginação – não estaria aí a importância do que mais tarde vieram a ser as conjecturas imaginativa e real? Os pais, educados em uma cultura vitoriana e princípios religiosos muito rígidos, desaprovavam-no firmemente – pois só admitiam a verdade; o que lhe valiam de tempos em tempos, umas boas palmadas – Mais tarde Bion afirmava que o pai “introduzia a sabedoria pelo traseiro”.

Um fato marcou sua vida. Foi o nascimento de sua irmã Edna. Ele brincou por muito tempo com sua irmã, depois ela se afastou dele. Ainda pequeno, descobriu a masturbação esfregando-se na cama. Também queria fazer jogos sexuais com a irmã, porém ela o desapontou.

Gisèle de Mattos Brito

O acontecimento marcante na vida de Bion foi quando, aos oito anos, deixou a Índia e foi estudar na Inglaterra. Por volta do início do século XX, era costume das famílias com mais recursos enviar os filhos para estudar na Inglaterra. Isso deixou uma marca indelével em sua vida. Nunca mais voltou à Índia. Só lhe ficaram as saudades das monções e dos ventos que fustigaram sua face. Pouco antes de morrer tinha aceitado o convite de alguns analistas de Bombaim, para lá dar conferências e supervisões. Iria rever sua Índia tão amada – cujos acontecimentos e notícias sempre acompanhava.

Nos primeiros anos de “exílio” ficou internado no colégio “Bishop’s Stanford’. Sua solidão foi compensada pela amizade de dois colegas com os quais passava férias e fins de semana. Em sua autobiografia fala da ternura com que era recebido – foi um dos tempos mais felizes de sua meninice. Nessa época, quando lhe era perguntado pelos pais sentia deles uma saudade quase dilacerante e preferiria não ser interrogado.

Logo veio a puberdade. Bion ficou apavorado com as mudanças que se operavam em seu corpo. Nessa fase, a sexualidade era intensivamente recalcada em seu colégio. Havia até três professores que se encarregavam de espionar os alunos. Bion descarregava a energia nos esportes os quais tomaram uma parte muito importante em sua vida. Ele esperava mesmo tornar-se um campeão em natação.

Quando Bion tinha 17 anos, surgiram os primeiros rumores de uma guerra iminente que logo se confirmaram. Os desfiles e a banda musical lhe traziam uma profunda emoção. Ingressou nas Forças Armadas, em 8 de Janeiro de 1914. Passou, logo a seguir, por um centro de treinamento de carros blindados (tanques).

Partiu para o teatro da guerra, e nesta fase foi designado comandante. Os soldados tinham que suportar frio, baixa temperatura e lama. Certa vez, recebeu ordens de destruir um ninho de metralhadoras. Como comandante, teve que ir à frente do tanque. Tinha um medo horrível de cair, se ferido, e ser esmagado pelo tanque. Participou ativamente em todas as maiores batalhas de tanques da Primeira Guerra Mundial, da Batalha de Cambrai, inclusive, a primeira batalha em que forças motorizadas, regimentos de tanques fizeram face um ao outro.

Para ser morto, Bion pensava, bastaria continuar lutando. Ali, não havendo mais nenhum oficial vivo, Bion tomou o comando de seu regimento. Pela sua bravura no teatro da guerra, foi chamado a Londres e lhe foi conferida medalha militar, “Military Cross” – uma importante condecoração de guerra.

Bion: Vida e Obra

Tendo voltado ao campo de batalha, mais uma vez, por sua bravura e capacidade de liderança foi chamado novamente a Londres, para ser condecorado, agora com a medalha D.O.S. (Distinguished Service Order), a maior condecoração do governo britânico em tempo de guerra. Mais tarde, foi igualmente condecorado pelo governo francês, que lhe atribuiu Legião de Honra, a mais alta condecoração deste governo.

Em suas memórias conta que ficou profundamente tocado por essa guerra, de tanta carnificina, em que milhões perderam suas vidas. Parece que sua autobiografia, além de outros, tem o objetivo de elaborar esse período tão trágico para ele.

Após o cessar da guerra, Bion passou a estudar História Moderna com o Professor J. Patton. Além de seus estudos em História, Bion participou de equipes de natação. Destacou-se como ótimo nadador. Paralelamente, completou seus estudos da língua francesa, de 1922-1923, na Universidade de Poitiers, na França. Voltando, passou a lecionar História no primeiro colégio onde estivera: o Bishop's Stanford. Era admirado por todos pelos seus conhecimentos universais. Parece que foi nessa época que tomou contato com os escritos de Freud. Em seguida, decidiu fazer medicina. cursou medicina na University College. Ali foi agraciado com uma medalha de ouro em cirurgia – chegando a ser assistente do médico do Império Britânico à época: Wilfred Trotter – médico particular do rei George V. Wilfred Trotter, era professor de neurocirurgia e autor do livro “Instinto of the Herd in Peace and War”.

Trotter era cunhado de Ernst Jones. Este escreveu a biografia de Freud e criou o International Journal of Psychoanalysis.

Em 1932, Bion tornou-se Oficial Médico da R.A.F. e foi Oficial Médico do Departamento de Psicoterapia do *"Maid Vale Hospital for Nervous Diseases"*, onde travou conhecimento com John Rickman, um proeminente psicanalista da época. Bion foi um dos fundadores da Tavistock Clinic em 1933, fazendo parte de seu corpo clínico até 1948.

Nessa época, passou por uma grave crise psíquica, a qual levou-o a procurar uma psicoterapia. Empregou-se na Tavistock Clinic e abriu um consultório particular. No início de 1934, Samuel Becket – Prêmio Nobel de Literatura, procurando uma análise foi-lhe aconselhado a procurar Wilfred Bion. Essa associação foi benéfica para ambos.

Desejando ser psicanalista, em 1937 procurou Rickman para análise didática e se analisou com ele até 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Gisèle de Mattos Brito

Em 1945, terminada a Segunda Guerra Mundial, Bion retoma sua formação analítica e, aconselhado por Rickman, procura Melanie Klein com quem fez uma longa análise de 1945 até 1953.

Foi qualificado como psicanalista em 1947; em 1950, apresentou seu trabalho como membro: “*O gêmeo imaginário*”. Este trabalho já contém a matriz daquilo que seria fundamental na obra de Bion: a curiosidade, ligada ao Complexo de Édipo.

Paulatinamente, o reconhecimento de suas qualidades levou-o a ocupar um papel cada vez mais proeminente no Instituto Britânico de Psicanálise, tornando-se Chairman of the Medical Selection of the British Psychoanalytical Society em 1947 e diretor do "London Clinic of Psychoanalysis de 1956 até 1962, quando foi eleito presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, tendo ocupado este cargo até 1965. Pouco tempo depois se transferiu para Los Angeles. Nos últimos meses de sua vida, voltou para a Inglaterra, onde faleceu em 8 de novembro de 1979.

Casou-se pela primeira vez em 1940, e sua esposa faleceu por ocasião do nascimento de sua filha Partenope, em 1945. Partenope tornou-se psicanalista. Morreu em acidente de automóvel.

Em 1951, casou-se com Francesca – assistente social na Travistock – com quem teve dois filhos: Julian e Nicola. Um médico e uma filha linguista na Oxford University.

Sua Obra

É sempre muito interessante observar a intersecção entre o desenvolvimento pessoal do autor e sua obra. Acompanhamos na obra de Bion sua trajetória de desenvolvimento pessoal e científico. Bion sempre disse que escrevia sobre si mesmo. Ele sempre escreveu sobre as experiências que ele vivia e buscou cientificamente elaborar e expressar essas vivências. É muito curioso o fato de que conseguimos nos aproximar de suas teorias, pelas experiências que vivenciamos, especialmente em nossas análises. Em *Transformações* (1965) ele diz: “Se você ler este livro, você irá apenas entendê-lo quando perceber que está perfeitamente familiarizado com a experiência”.

Bion: Vida e Obra

À medida que Bion foi se desenvolvendo, em Transformações já o vemos se utilizando mais do método descritivo-analógico, que do método explicativo-causal, mais familiar no meio científico psicanalítico.

Podemos identificar cinco períodos na Obra de Bion.

O primeiro: Os Grupos (1943-1951) -1979

Durante a Segunda Guerra Mundial, Bion foi o Oficial Médico responsável pelo "*Military Training Wing*", do Northfield Military Hospital, onde ele passou a dar maior relevância ao comportamento dos grupos. Foi daí que ele tirou os subsídios para o seu trabalho "*Intra-Group Tensions in Therapy: Their Study as a Task of the Group*", publicado em 1943, no "*Lancet*". Este serviu de base para o mais importante trabalho publicado sobre a psicologia de Grupos à época: "Experiências em Grupo" (1943).

Depois da guerra, Bion voltou para a Tavistock Clinic, sendo designado "Chairman of the Executive Committee".

Ali intensificaram-se seus estudos sobre grupos. Publicou seu livro sobre grupos que o tornou bastante conhecido.

O segundo período: Pensamento Psicótico e a Teoria sobre o Pensar (1950-1962)

Bion, de 1950 até 1959, começa a publicar seus trabalhos sobre psicoses – **Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)** –, os quais revelam uma influência de Melanie Klein, até a publicação, em 1962, de seu importante trabalho "**A Teoria do Pensar**" em que ele passa a ter um pensamento e contribuições próprias.

Agora, vou lhes apresentar, mesmo correndo o risco de fazer uma exposição simplista, reducionista, um rápido resumo dos trabalhos sobre as psicoses. Estes trabalhos representam uma contribuição muito importante, ao lançar uma nova luz para se compreenderem as psicoses e, daí, a possibilidade de se lidar com elas na clínica. Veremos o pensamento esquizofrênico, sua linguagem, a personalidade psicótica, ataques aos vínculos.

Gisèle de Mattos Brito

Como o pensamento depende do passar da posição esquizo-paranoide para a integração propiciada pela posição depressiva, o psicótico não se sente capaz de tolerar a frustração e a dor que lhe dá a consciência de si mesmo, pela ausência do objeto. Assim, sente seus objetos internos e externos desintegrados. Não se sentindo capaz de tolerar a perseguição dos objetos internos, pela incapacidade de tolerar a dor da integração, há, entre outros, um ataque à linguagem. A linguagem intensifica a síntese dos objetos internos e externos que a posição depressiva propicia. Ou seja, a posição depressiva leva ao incremento da linguagem, e esta a uma síntese maior da posição depressiva. O psicótico nunca chega, de fato, a encontrar uma linguagem na qual possa exprimir seus pensamentos. Disto resulta que o paciente tem grande dificuldade em unir as sílabas em letras, as letras em palavras, e as palavras em frases. Ele sente-se em um estado mental do qual quer escapar, mas, para tanto, terá que utilizar a linguagem para fazer o caminho de volta. Não o suportando, usa da identificação projetiva excessiva, para desintegrar sua linguagem e os objetos que a representam.

Nesses pacientes, o contato com a realidade é muito doloroso, desde que não conseguem tolerar a frustração de se sentirem separados do mundo que os rodeia. Dessa forma, a consciência da realidade que une e separa os objetos está comprometida. A luta será, portanto, em suportar a dor, da consciência que integra, ou a dor da identificação projetiva excessiva, que cinde e desintegra.

No trabalho sobre a personalidade psicótica e não psicótica – uma importante contribuição à psicanálise – Bion (1957a) chama nossa atenção para o fato de que há no psicótico uma parte psicótica operando conjuntamente com uma não psicótica. A parte não psicótica consegue lidar com a realidade, tanto interna quanto externa, usando a repressão para separar o que é consciente do inconsciente. Contrariamente, o psicótico usando da identificação projetiva maciça, projeta-se no analista e nos objetos, confundindo partes suas com as deles. Essencialmente, a diferença entre a personalidade psicótica e a não psicótica, reside no fato de que, nos estágios muito primitivos da mente, imperam os impulsos sádicos, os quais, por intensa identificação projetiva, dirigem-se ao ego e a todas as funções deste com a realidade: atenção, memória, julgamento, etc. O que não acontece com a personalidade não psicótica a qual utiliza-se da repressão e de estar consciente ou inconsciente de si mesma. No psicótico, não.

Bion: Vida e Obra

Pelo uso intensivo da identificação projetiva ele confunde a realidade externa com a interna. Portanto, não será capaz de estar consciente ou inconsciente e de estar dormindo ou acordado. Devido à incapacidade para a repressão, o psicótico tem consciente o que, para o não psicótico, é inconsciente. Assim, o psicótico move-se em um mundo de sonhos, rodeado de objetos os quais teme e que o perseguem.

Bion (1954) descreve um peculiar objeto que rodeia o campo mental do paciente, para o qual Bion deu o nome de “objeto bizarro”. Devido aos ataques a um incipiente ego, e a suas funções, estas são cindidas e projetadas no objeto e, aí, sente que o domina. Este ataca de volta as partes cindidas, projetadas, tirando-lhes toda a vitalidade. A parte cindida e projetada transforma-se em coisa concreta. O resultado será um “objeto bizarro” que é composto de partes da personalidade e partes dos objetos, independentes dele, que o rodeia, fora de seu controle, e que o persegue externamente. Desenvolve uma relação de conteúdo-continente a qual se despoja mutuamente. Nesse mundo de objetos fragmentados, o psicótico tenta pensar, mas confunde os objetos da realidade concreta com pensamentos, e pensamentos com coisas reais; ou seja, fica confuso quando os pensamentos são governados pelas normas do funcionamento mental e quando coisas concretas são governadas pelas leis da natureza.

Para Bion (1955) são três, entre outros, os fatores que caracterizam a personalidade psicótica:

- 1) intolerância à frustração;
- 2) predomínio dos impulsos destrutivos;
- 3) ódio à realidade tanto interna quanto externa.

Em seu artigo “Sobre a Alucinação”, uma peculiar forma de alucinação, em que os objetos sofrem tal fragmentação na qual a identificação projetiva é tão intensa que os objetos ficam tão fragmentados que se tornam invisíveis. Assim, torna-se difícil para o analista detectá-los. Constatou que o paciente emprega os mesmos órgãos dos sentidos tanto como órgãos receptores como evacuatórios. Por exemplo: um esquizofrênico pode utilizar a visão tanto para ver os objetos, como para evacuá-los. Neste sentido, há uma necessidade constante de expulsar, por quaisquer órgãos dos sentidos, os sentimentos dolorosos de inveja e ódio de seus objetos internos e dos objetos externos.

Gisèle de Mattos Brito

Para Bion (1958), essa forma de projeção alucinatória surge numa tentativa de integrar às partes projetadas no ambiente e consigo mesmo, numa tentativa de cura e restauração dos objetos – portanto uma atividade criativa (Freud, 1923). Tal tentativa é muito dolorosa, e o psicótico vive um momento de alívio transitório, em que a reparação do ego é quase impossível. Essa constelação de sintomas, se não diagnosticada a tempo, poderá levar ao suicídio.

Prosseguindo e aprofundando a compreensão dos fenômenos psicóticos, Bion (1959) publica o importante artigo “**Ataques aos Vínculos**”. No psicótico há dois fatores perversos que fundem para a formação de sua personalidade: de um lado, sua herança genética, e de outro, um ambiente hostil, representado por uma mãe incapaz de ser receptiva e transformar os aspectos hostis nela projetados, em sentimentos acolhedores e devolvidos ao bebê de uma forma tolerável para ele. Como essa relação é internalizada no superego, este se torna hostil e passa a atacar os vínculos que poderiam ser estabelecidos com a mãe e, na análise, ataca os vínculos com o analista. Isso irá impedir que o analista possa se sentir tranquilo, e pensar com clareza, pois o paciente tenta destruir, não só os elos que unem funções, dentro de sua própria mente, mas também, reciprocamente, as funções da mente do analista. O que prevalece é destruir nos vínculos tudo aquilo que tenha a função de ligar. Por exemplo, a linguagem levando-o à incapacidade de falar de forma comunicativa.

Sua linguagem é tão desvestida de emoção que não comunica – mesmo quando é proferida em um arrazoado teórico, em que o discurso é brilhante, mas destituído de emoção. Tudo isso leva o paciente a um sentimento de uma catástrofe interna iminente, da qual ele se defende, por meio de uma associação perversa entre arrogância e estupidez, e falta de curiosidade. Numa personalidade em que a vida, o instinto de vida prevalecem, o orgulho é transformado em autorrespeito; inversamente, quando há a prevalência do instinto de morte, o orgulho se transforma em arrogância, estupidez e falta de curiosidade – pois se tudo sabe, por que a curiosidade? Esse fato em si provoca resistências no analisando, desde que o simples fato de se analisar, é um pressuposto, para ele, de estar sob a curiosidade do analista. Voltando às funções que são atacadas, os primeiros elos que se ligam são o pênis do pai e a vagina da mãe. Não o pênis ou a vagina, não o seio e a boca, mas o que está entre eles: os vínculos físicos e mentais. É nesse trabalho que Bion deu, também, uma importante contribuição à psicanálise: em relação à identificação projetiva.

Bion: Vida e Obra

Para Melanie Klein, a identificação projetiva é uma fantasia onipotente, na qual os primitivos aspectos sádicos dos objetos internos são cindidos e projetados para dentro do objeto. Ou seja, uma função evacuatória, a qual tem a ver só com a mente do bebê. É onipotente em si mesma. Para Bion, não é somente uma fantasia onipotente, pois ao colocar na mãe seus sentimentos de angústia, medo de uma catástrofe iminente, se tais sentimentos forem acolhidos por uma mãe compreensível e receptível, serão modificados e devolvidos de outra forma acolhedora para o bebê (vamos voltar a isso mais tarde). Portanto, não têm apenas uma função evacuatória, mas é algo com o qual o bebê faz alguma coisa: está comunicando-se com a mãe. Há um outro aspecto perverso no psicótico. À medida que se sente mais integrado, sente inveja de si mesmo pelo progresso efetuado; e do analista, por ter sido o veículo desse progresso.

Assim está em um dilema: tanto mais fica melhor, mais tem que atacar a si mesmo e ao analista, e, tanto mais ataca o analista, mais se sente pior. Há ainda um aspecto muito interessante; os ataques aos vínculos são diferentes da repressão. Na repressão, os conteúdos indesejáveis ou proibidos são recalcados para o inconsciente. No ataque aos vínculos, o processo é diferente; para ele os ataques são aos processos criativos, os quais existem na ligação entre analista e analisando. A comunicação é bloqueada e o analista fica incapacitado de exercer seus processos mentais criativos. Esses ataques refletem-se nos sonhos, os quais perdem sua qualidade simbólica e significativa. Se excessivamente fragmentários eles se tornam invisíveis, o que corresponde às alucinações invisíveis - já mencionadas. Por outro lado, todo o processo criativo seja a relação dos pais, seja a relação com o analista, por inveja são atacados e desvestidos de sentido. Portanto há um ódio a tudo criativo: a si mesmo, à relação sexual dos pais, aos vínculos com o analista, ou seja, a tudo o que significa vida. E mais, as interpretações são julgadas inúteis. São vistas como dadas mais para enlouquecer do que para integrar o paciente. A maldade do analisando é projetada no analista. Para ele, a maldade dele projetada no analista é um fato real, e as interpretações são dadas para levá-lo ao suicídio ou ao homicídio.

Agora falaremos da “Teoria do Pensamento” que abre um novo caminho para a psicanálise, aprofundando os nossos conhecimentos da metapsicologia com seus conceitos de pré-concepção, função alfa e da formação do aparelho para pensar os pensamentos.

Gisèle de Mattos Brito

De acordo com ela, os pensamentos se originam a partir de pré-concepções passando para concepções e depois para conceitos. O bebê já traz, ao nascer, a expectativa de que há algo que irá corresponder à sua necessidade de alimento e amor. Ou seja, o bebê não tem ainda a representação e nem o conceito de mãe, ou melhor, do seio. Mas ele traz *algo* que lhe permitirá, em contato com o seio, tendo a experiência real com ele, ter uma concepção. O conceito de pré-concepção tem estreita analogia com o que Kant entendia como “Categorias”. As Categorias de Kant nos falam da “*pré-disposição inata da mente para receber a experiência*” (Lansky, 1981). A pré-disposição, portanto, não deriva da experiência. Do encontro da pré-concepção com a experiência nasce a *concepção*. O que é fundamental é o fato de que, de dentro da teoria do pensar, de Bion, a experiência só é possível desde que haja no *sujeito*, que a está vivenciando, uma pré-concepção, ou seja, uma pré-disposição inata para recebê-la, senão ele não seria capaz de re-conhecê-la, ou seja, a experiência não seria possível e, como consequência, não se formaria o “aparelho” para pensá-la. Daí deriva a ideia, original e extremamente significativa, de que o pensamento pré-cede ao pensador; e de que são os pensamentos que *forçam* a existência de um “aparelho” para pensá-los. A concepção, no entender de Bion (1957b), não é ainda um pensamento no nível simbólico; isso acontece com o início dos *conceitos* que nascem a partir do momento em que o bebê, por sucessivas experiências de frustração, dadas pela ausência da mãe, ou melhor do seio, seja capaz de recriá-lo imaginariamente em sua mente. Temos a partir daí o início dos processos de representação mental em nível simbólico. Vamos tentar resumir o que acontece. Junqueira, J. (2005).

O bebê com fome sente-se 'atacado' por ela internamente. Assim, com 'medo do aniquilamento', procura se livrar de tais sentimentos projetando-os na mãe, ou melhor, originalmente no seio da mãe. Esta, se capaz de entender a 'linguagem' de seu bebê, e de estar em íntima sintonia ou em contato psíquico com ele - o que Bion denominou de *reverie* - os acolhe, 'detoxicando-os' de sua qualidade 'excessiva' e os 'devolve' de uma forma a ser tolerável. O bebê os introjetará com esta nova qualidade, com esta nova significação. A identificação projetiva assim empregada pelo bebê em sua jornada 'pelo' seio materno e novamente introjetada, e com ela identificado, é por Bion denominada de "*identificação projetiva realista*". Assim sendo, o bebê recebe da mãe não apenas conforto material pela fome saciada, mas também, e principalmente, conforto psíquico e emocional, ao se sentir 'amado' e 'compreendido' por esta mãe, que deu um sentido tolerável à sua angústia.

Bion: Vida e Obra

Em outras palavras, a identificação projetiva com que o bebê se `faz' presente `dentro' da mãe, é a mais primitiva e fundamental forma de comunicação existente. Estão aí lançadas as bases de uma teoria da comunicação, não uma teoria de descarga (pág. 22). A mãe pode responder ou reagir de várias maneiras: da forma normal, que Bion denominou de realista, ela reage à sua necessidade transformando o pavor em segurança... desconforto em repouso... anseio em encontro. Temos aí os primórdios do nomear... o início dos significados... as origens dos símbolos... Esta operação se dá e resulta no que Bion denominou de **função alfa**. Ou seja, ao se identificar com esta mãe continente, o bebê abre um espaço interno - conteúdo - para a estruturação de uma díade em íntima sintonia (relação + conteúdo - continente) (pág 17), pela internalização da função alfa da mãe - aspecto emocional do amor materno. Para que isto se processe satisfatoriamente, é necessário que tanto a capacidade inata do bebê para tolerar frustração, quanto a receptividade materna (capacidade para reverie) se harmonizem. Assim, quando a mãe, ou melhor, o seio materno não está presente, o `não-seio' ou o `seio-ausente', é imaginativamente criado em sua mente - a dolorosa presença da ausência ou uma ausência dolorosamente presente... Temos aí a matriz inicial de um pensamento e os primórdios do aparelho para pensá-lo. Quando isto não se processa a contento ou realisticamente, uma das primeiras consequências é a formação prematura de uma consciência, que é muito prematura para suportar as exigências que sobre ela pressionam tanto a realidade externa, através de seus órgãos sensoriais quanto as experiências emocionais, que partem do traslado das vivências de seu mundo interno. Uma das consequências disto é que o bebê `ataca' o sentido de `twoness', dualidade, e tenta se `fundir' na mãe, em busca do estado primitivo de fusão, de união com ela ou de `oness' (unidade), como defesa contra a angústia de perceber a separação.” p.9

Terceiro Período: Epistemológico

O Aprender com a Experiência (1962)

Elementos de Psicanálise (1963)

Parte do livro Transformações: do aprendizado ao crescimento (1965)

Em “Aprender com a Experiência” (1962b), Bion, a partir das noções de posição esquizo-paranoide e depressiva, elabora outro conceito fundamental que são as relações dinâmicas entre continente-conteúdo (PS – D), ou seja, o que é projetado não é projetado pelo bebê no vazio, há um continente receptáculo de tais projeções identificativas.

Gisèle de Mattos Brito

Com base em tais conceitos, ele conclui pela existência de um fator fundamental de crescimento e desenvolvimento do bebê que é a noção de uma *reverie* materna – como vimos antes. É importante assinalar que, em linha com o conceito de uma pré-concepção há também uma preconcepção edípica, ou seja, uma relação tríplice, o conceito de uma pré-concepção materna inclui também o pai, e o tipo de vínculo deste com a mãe (Bion, 1962-b, Cap. 12, p. 36). Isso se torna um elemento essencial de desenvolvimento, primeiro na relação mãe-pai-bebê e, futuramente, na relação analista-analisando, quando o analista será (se assim o for) capaz de transformar, pela sua função alfa, o elemento beta em elementos alfa. Assim haverá um crescimento da dupla analista-analisando ou uma relação + (continente/conteúdo).

A tela beta foi o termo designado por Bion, para o acúmulo de elementos beta. Assim temos a função alfa estruturando os elementos alfa que são um fenômeno mental ou psíquico. E o elemento beta, o qual, como coisa concreta, não é um fenômeno mental, e não pode ser simbolizado. Este é coisa em si, concreta, que se agrega, formando a tela beta, cujos elementos, os elementos beta, são incapazes de formar pensamentos, ou de separar o consciente do inconsciente, ou de estarem dormindo ou acordados. Esse é o limite entre o normal ou defeituoso funcionamento da função alfa (Bion, 1962b pág. 25), ou entre o que é pensamento e o que não é; ou entre a parte psicótica e a não psicótica da personalidade.

Por outro lado, a experiência emocional, contém como inerentes a ela três fatos: amor, ódio e conhecimento, os quais vão representar os objetos da sessão, tanto no sentido negativo como no positivo. Por exemplo: em + K somos capazes de conhecer e formar pensamentos abstratos. em menos - K, esse conhecimento nos aparece como exaurido, desvitalizado, e sentido como coisa em si, concreta.

Quando os objetos de uma experiência sensorial ou emocional dispersos são conjugados pode ocorrer o que Bion denominou de “fato selecionado” o qual irá dar coesão aos elementos antes dispersos^{1*}. Quando isso ocorre, um sentimento de verdade surge trazendo um sentir de segurança.

1* Quando os objetos de uma experiência sensorial ou emocional surgem o que Bion denominou de “fato selecionado” Fato selecionado foi o nome dado por Poincaré, que uma vez di-visada, dava coerência, integração a uma série de elementos matemáticos não relacionados até então. Bion toma esta conceituação e a aplica ao funcionamento mental em geral. É curioso assinalar que Poincaré percebeu ser a mente humana muito frágil, tão frágil como os sentidos que nos guiam e que, entregue a si mesma, ela se perderá na complexidade do mundo que a cerca e termina dizendo: “Os *únicos fatos que merecem nossa atenção são aqueles que introduzem ordem na complexidade e, assim, tornam a complexidade acessível a nós.*”

Bion: Vida e Obra

Como parte do processo de elaboração das experiências clínicas, aproxima-se da matemática e cria a Grade, para ser usada fora da sessão de análise para um treinamento da intuição psicanalítica. A ideia é que a Grade pudesse ser utilizada para auferir o valor, sentido dos enunciados verbais do paciente na sessão e principalmente a possibilidade de acompanhamento dos movimentos mentais, alcançando graus de abstração.

Como bem nos aponta Braga, em comunicação pessoal, “A Grade”, encontramos presentes as ideias centrais de Transformações.

Quarto período: O Ontológico (1965-1979)

Transformações: Do Aprendizado ao Crescimento (1965)

Atenção e Interpretação (1970)

Memória, Desejo e Compreensão (1967, 1970)

Pensamentos Selvagens (1977)

Neste momento de sua obra, Bion dá uma guinada em seu pensamento, ao observar as diversas formas de transformações por um lado, e a importante aceitação da incognoscibilidade da realidade última por outro lado; ele se aproxima de Freud, Platão e Kant quanto à possibilidade de apreensão da realidade psíquica de forma direta, em contato direto com ela, pelo *ser e tornar-se a realidade*, colocando-nos em uníssono com ela.

A Teoria das Transformações

De forma geral, as manifestações da vida psíquica são transformações de experiências de contato com a realidade (O) sejam estas diretas (pela intuição, sendo a realidade e o tornar-se) sejam indiretas (experiências sensoriais e emocionais). Na experiência clínica psicanalítica, transformações são formas com que analista e analisando organizam e manifestam suas vivências ocorridas na experiência analítica.

No conceito de Transformações encontramos um grupo abstrato de conceitos como: identificação projetiva, transferência, formação de pensamentos K e seu desnudamento -k, pelo aprender com a experiência, criações de falsos pensamentos (alucinoses) e ao final, o colocar-se em comunhão com a realidade e tornar-se O.

Gisèle de Mattos Brito

Como bem nos aponta Braga (2016, p. 93):

A teoria das transformações conduz a reconhecer o campo de trabalho analítico como infinito, assim como a singularidade de cada momento da sessão analítica, contrastando com a aplicação de teorias previamente adotadas, que levam a uma padronização do conhecimento. Ou, ainda, em formulação epistemológica: a teoria das transformações é mais abrangente que as teorias da transferência, inclusive incluindo-a.

Estão presentes na teoria das transformações um conjunto de invariantes que são a essência e permanecem constantes, frente a todas as mudanças presentes nas transformações. Por ex, Picasso pintou a cabeça de um cavalo com um único traço. Quando olhamos podemos identificar que ali está representada a figura de um cavalo. Há inúmeras formas de representarmos um cavalo, mas a essência, o que é invariante em todos eles permanece.

A aceitação de que nossas apreensões das manifestações da realidade contemplam o par transformações/invariantes, retira-nos a ilusão de que teríamos acesso à realidade pelo conhecer. Pelo conhecer temos acesso às nossas transformações da realidade. Já o contato com a essência, com as invariantes, acontecerá pelo colocar-se em uníssono com a realidade.

Um pequeno zoom aos diferentes tipos de transformações é importante para acompanharmos o pensamento do autor.

Transformações de O tendendo a K:

- 1- Transformações em movimento rígido;
- 2- Transformações projetivas;
- 3- Transformações em alucinação;
- 4- Transformações em não-conhecer.

As transformações em movimento rígido e projetivas são Transformações que têm como meio o Conhecer (T alfa). Seriam os pensamentos, construção de uma rede de representações simbólicas que posteriormente serão continentes para evoluções de O e o tornar-se a realidade. As transformações em alucinação teriam como meio (T alfa) os estados emocionais de amor e ódio tendo como resultante final falsos pensamentos e transformações em não conhecer -K, em que o pensamento é desnudado de sua essência e se transforma em um não-pensamento, um fato.

Bion: Vida e Obra

As transformações K tendendo a O têm que vencer as resistências ao contato direto com a realidade, dispensando os processos do conhecer. Ocorrem com turbulência emocional e temores de catástrofe.

Há aqui uma ampliação importante da Teoria do Pensar para a Teoria de Transformações. No âmbito da Teoria das Transformações, a colaboração do analista desloca-se do conhecer para o ser, ou seja, o foco da análise será propiciar ao paciente ser (si mesmo) e não conhecer (si mesmo). Nesse campo, importa ao analista o que está sendo mobilizado nele. O que está sendo... Experiência emocional em que eu sou (como analista) vivida por isso!

Nesse sentido, podemos pensar que a via sensorial leva ao conhecimento: eu enxergo, eu cheiro, eu ouço, etc. e a via da intuição leva a algo que busca existir. O vértice analítico compreende as evoluções no campo de K, do conhecer, bem como no campo de O, do ser. Braga (2016), em seu texto sobre Transferências, Transformações e Encontros Estéticos, escreve o seguinte:

Possivelmente essa expansão para os domínios da Estética seja uma decorrência inevitável do movimento que surge em e após Transformações, com a proposta de que podemos ter um contato direto com a realidade, sem a intermediação do sensorial, abrindo para as experiências intuitivas um lugar de respeito nas manifestações disponíveis ao analista, na situação analítica, assim como para a dimensão do Ser (Braga, 2016, p. 94).

Em Transformações, Bion vai abandonando o uso do conceito de Experiência Emocional. Vai falar em Feelings e Impressions. Ou seja, é necessário estarmos atentos ao que estamos sentindo, aos pré- sentimentos, às impressões, o feeling, a intuição. Dessa forma, estaremos disponíveis para um vislumbre de O que está sendo transformado. Um dos sentidos de *feelings* é de “pré-sentimento”. Vamos tendo acesso emocional a um pré-sentimento, a algo que ainda não se configurou, vamos propiciando-lhe a existência. Daí a importância de trabalharmos com a opacidade de memórias e desejos na sessão de análise.

A recomendação de que, em toda sessão analítica, o analista deve trabalhar evitando, com opacidade de “memória, desejo e compreensão” é uma importante contribuição de Bion à técnica psicanalítica (Bion, 1970, Cap. 4 e 12).

Gisèle de Mattos Brito

Assim, se estamos inseridos em um tempo, que “passa” continuamente, se o analista se preocupa com o que o analisando disse há quinze minutos, há meia hora, ou ontem, ou antes-de-ontem, ou no mês passado, ou há seis meses ou no ano anterior, terá sua atenção desviada daquilo que está ocorrendo *agora, neste exato instante....* Da mesma forma, se tentar compreender o que o paciente acabou de dizer, deixará, imediatamente, de ouvir suas impressões, feelings, aquilo que está sentindo.

Por outro lado, se pode trabalhar com opacidade de memória e desejo, uma evolução ocorrerá do infinito algo evolui, de O para K. Esta evolução pode vir a ser experienciada como algo presente, semelhante a um sonho que o analista deverá interpretar para seu paciente.

E ainda em “Brazilian Lectures” (1973-74/1990, p. 185), ele diz:

Torna-se uma matéria séria se o analista está presente em mente, mas, preocupado em tentar se lembrar. Tentar se lembrar é em minha opinião estar ‘analiticamente’, essencialmente ausente. É precisamente, durante estes curtos 50 minutos, que não devemos permitir a nós mesmos nem ‘lembrar’ ou ‘ter esperança’ ou ‘desejar’, ou ainda mesmo ‘compreender’ o que o paciente está falando. Desta maneira, o analista não será capaz de tomar notas, mas ele deverá ser capaz de ‘tomar as notas’ essenciais para a psicanálise. Eu não posso oferecer nenhuma sugestão como, onde ou de que modo estas notas são tomadas, mas na minha experiência elas são.

Colocarmo-nos em uníssono com a experiência é trabalhar com opacidade de memória, desejo e compreensão. Aqui o foco não é eu sei (Transformações em K), mas a busca de eu sou (Transformações em O). Uma postura técnica é não ficar tentando organizar a experiência; quando assim fazemos, colocamo-nos em harmonia com o ser, com possibilidade maior de contato com o ser, contato com **O**. **O O** é a realidade psíquica. O domínio de **O** é o domínio do ser, do tornar-se a realidade, é infinito. **O O** não pode ser conhecido, ele pode tornar-se, ou seja, por meio da experiência, vivência que ele evolui a ponto adentrar nos domínios de K.

A análise torna-se um campo de investigação para acolher vestígios de algo desconhecido, angustiante. A possibilidade de sermos encarnados por pensamentos sem pensador. Uma preparação para ficar disponível para entrar em contato com algo que se revela. É uma qualidade dolorosa de abrir mão do conhecimento, dos sentidos.

Bion: Vida e Obra

Diz Bion:

Pode-se perguntar qual seria o estado de mente bem-vindo, já que memórias e desejos não o são. Um termo que expressaria de modo aproximado o que necessito expressar é fé – fé de que existe uma realidade última, e verdade – o infinito desprovido de forma, desconhecido, incognoscível (Bion, 1970, p.46).

A Mente primordial (1976-1979)

Em importante trabalho sobre a mente primordial, Junqueira e Braga (2009) assinalaram que uma importante característica no pensamento psicanalítico de Bion, neste momento, foi seu interesse em observações de registros de experiências da vida fetal que permaneceriam ativos, como restos embriônicos presentes no soma. Seu foco se concentra nos estados mentais primordiais em que há uma indiferenciação corpo/mente. Por intermédio de sua experiência clínica, ele concebe a atividade de uma ‘consciência moral primitiva’ que atua de forma ativa, constitui-se um nível distinto de funcionamento psíquico decorrente de registros de experiências pré-natais. Ou seja, todo um desenvolvimento somático está na base de um desenvolvimento psíquico. O bebê não tem uma mente capaz de pensar o que seu cérebro registra.

Somados às suas Supervisões, seminários e especialmente a esses últimos trabalhos, pode-se pensar que Bion começou a descortinar uma nova dimensão para o psiquismo.

Como bem nos aponta Junqueira e Braga (2009), “Consciência moral primitiva” ilustra a dimensão dos “pensamentos sem pensador”. Juntamente com os sentimentos de “dependência e de ser inteiramente só” e do “urge para existir”, constitui manifestação identificada com uma mente primordial, enraizada no funcionamento cerebral e glandular pré-natal, permitindo-nos um vislumbre de uma dimensão da mente que nos fica inacessível com a cesura do nascimento. É um conceito que surge com os últimos acréscimos feitos por Bion em seu modelo da mente (1976-1979). Para concluir, um ponto muito importante que destacamos no trabalho que apresentamos em Barcelona 2020: estes achados reforçam a visão de que o próprio Bion trata as diferentes etapas de desenvolvimento de seu pensamento (grupos, pensamento psicótico, período epistemológico, período ontológico, interesse pela mente primordial) como momentos evolutivos que se complementam e que coexistem. Seria a cebola como o modelo da mente.

Gisèle de Mattos Brito

Referências

- Bion, W. R. (1948). *Experiences in groups*, *Human Relations*, vols. I-IV, 1948-1951, Reprinted in *Experiences in Groups* (1961). [Google Scholar]
- _____. (1954). *Notes on the theory of schizophrenia. Read in the Symposium "The Psychology of Schizophrenia" at the 18th International psycho-analytical congress, London, 1953* *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.35: Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1955) *The Development of Schizophrenic Thought*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.37: Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1957a). *The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.38: . Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1957b). *On Arrogance*, *20th International Congress of Psycho-Analysis, Paris, in Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1958). *On Hallucination*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.39, part 5: . Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1959). *Attacks on linking*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.40: . Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1962a). *A theory of thinking*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.43: Reprinted in *Second Thoughts* (1967). [Google Scholar]
- _____. (1962b). *Learning from Experience* London: William Heinemann. [Google Scholar] [Reprinted London: Karnac Books,]. Reprinted in *Seven Servants* (1977e). [Google Scholar]
- _____. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*, London: William Heinemann. [Reprinted London: Karnac Books]. Reprinted in *Seven Servants* (1977e). [Google Scholar]
- _____. (1965) – *Transformações – do aprendizado ao crescimento*. Tradução de P.C. Sandler. Imago ed., Rio de Janeiro, 2004.
- _____. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock Publications. [Reprinted London: Karnac Books 1984]. Reprinted in *Seven Servants* (1977e). [Google Scholar]
- _____. (1973). *Bion's Brazilian Lectures 1*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume London: Karnac Books 1990]. [Google Scholar]
- _____. (1974). *Bion's Brazilian Lectures 2*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume London: Karnac Books 1990]. [Google Scholar]
- _____. (1997a). *Taming Wild Thoughts. (Edited by F.Bion)*. London: Karnac Books. [Google Scholar]

Bion: Vida e Obra

- _____. (1997b). *War Memoirs 1917-1919*. (Edited by F.Bion). London: Karnac Books. [Google Scholar]
- _____. (1982). *The Long Weekend: 1897-1919 (Part of a Life)*. (Edited by F.Bion). Abingdon: The Fleetwood Press. [Google Scholar]
- _____. (1985). *All My Sins Remembered (Another part of a Life) and The Other Side of Genius: Family Letters*. (Edited by F.Bion). Abingdon: The Fleetwood Press. [Google Scholar]
- Bléandonu, G (1993). *A Vida e a Obra*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993
- Braga, J.C (2016). *Transferências, Transformações e Encontros Estéticos. Como me encontro hoje com esses conceitos na prática clínica?* Ed., Primavera Editorial, março de 2016.
- Freud, S. (1923) 1961. *The Ego and the Id*. Standard Edition, vol. XIX. London: Hogarth Press and Institute of Psychoanalysis. [Crossref], [Google Scholar]
- LANSKY, M.R. (1981) - Philosophical Issues in Bion's Thought. *Em "Do I Dare Disturb The Universe?"*, *Caesura Press*, pág. 427-439. Também em *R. Urug. Psicoanal*, 62:77-94, 1984.
- Junqueira de Mattos, J. A. (2005). *Metapsicologia dos processos cognitivos e misconceptivos do analista e analisando. Uma aproximação dos conceitos de transferência-contratransferência, equação simbólica, empatia e intuição, à luz das teorias de Bion sobre pré-concepção, função alfa, grade e as ideias de Kant sobre a coisa em si*. Trabalho apresentado no 44 Congresso Internacional da IPA, Rio de Janeiro, Brasil.
- Junqueira & Braga (2009) *Consciência Moral Primitiva: um vislumbre da mente primordial*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion 2009 em Boston. Publicado em Inglês: *Growth and Turbulence Container/Contained. Bion Continuing Legacy-2013. Edited by Howard B. Levine and Lawrence J. Brown*. Também publicado Revista Brasileira de Psicanálise, v. 43 (3).
- Junqueira & Braga
- Seixas, R. Raul Seixas frases: <http://rsraulseixas.blogspot.com/2011/06/frases.html>

Gisèle de Mattos Brito

giseledemattosbrito@gmail.com